

**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
O AMOR NATURAL

POSFÁCIO

Mariana Quadros

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Jaime Azenha

REVISÃO

Thaís Totino Richter

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

O amor natural/ Carlos Drummond de Andrade;
posfácio Mariana Quadros — 1ª ed. — São Paulo:
Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2433-6

I. Poesia brasileira I. Quadros, Mariana. II. Título.

I4-03443

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

I. Poesia: Literatura brasileira 869.91

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

- 11 Amor — pois que é palavra essencial
- 13 Era manhã de setembro
- 16 O que se passa na cama
- 17 A moça mostrava a coxa
- 21 Adeus, camisa de Xanto
- 23 Em teu crespo jardim, anêmonas castanhas
- 24 São flores ou são nalgas
- 25 Coxas bundas coxas
- 26 A bunda, que engraçada
- 27 O chão é cama
- 28 Sob o chuveiro amar
- 29 A língua girava no céu da boca
- 30 A língua francesa
- 31 A língua lambe
- 32 Sem que eu pedisse, fizeste-me a graça
- 33 Mimosa boca errante
- 34 Mulher andando nua pela casa
- 35 No corpo feminino, esse retiro
- 36 Bundamel bundalis bundacor bundamor
- 37 No mármore de tua bunda
- 38 Quando desejos outros é que falam
- 39 A carne é triste depois da felação
- 40 Suger e ser sugado pelo amor
- 41 A outra porta do prazer
- 42 À meia-noite, pelo telefone
- 43 Eu sofria quando ela me dizia
- 45 Esta faca
- 46 Ó tu, sublime puta encanecida
- 47 Não quero ser o último a comer-te
- 48 No pequeno museu sentimental
- 49 Era bom alisar seu traseiro marmóreo
- 50 Oh minha senhora ó minha senhora

- 51 De arredio motel em colcha de damasco
52 O que o Bairro Peixoto
55 Tenho saudades de uma dama
56 A castidade com que abria as coxas
57 A bela Ninfeia foi assim tão bela
58 Você meu mundo meu relógio de não marcar horas
59 As mulheres gulosas
60 Para o sexo a expirar
- 61 Posfácio
Nenhum canto radioso?,
MARIANA QUADROS
- 89 Leituras recomendadas
91 Cronologia
97 Crédito das imagens

AMOR — POIS QUE É PALAVRA ESSENCIAL

Amor — pois que é palavra essencial —
comece esta canção e toda a envolva.
Amor guie o meu verso, e enquanto o guia
reúna alma e desejo, membro e vulva.

Quem ousará dizer que ele é só alma?
Quem não sente no corpo a alma expandir-se
até desabrochar em puro grito
de orgasmo, num instante de infinito?

O corpo noutro corpo entrelaçado,
fundido, dissolvido, volta à origem
dos seres, que Platão viu completados:
é um, perfeito em dois; são dois em um.

Integração na cama ou já no cosmo?
Onde termina o quarto e chega aos astros?
Que força em nossos flancos nos transporta
a essa extrema região, etérea, eterna?

Ao delicioso toque do clitóris,
já tudo se transforma, num relâmpago.
Em pequenino ponto desse corpo,
a fonte, o fogo, o mel se concentraram.

Vai a penetração rompendo nuvens
e devassando sóis tão fulgurantes
que nunca a vista humana os suportara,
mas, varado de luz, o coito segue.

E prossegue e se espraia de tal sorte
que, além de nós, além da própria vida,

como ativa abstração que se faz carne,
a ideia de gozar está gozando.

E num sofrer de gozo entre palavras,
menos que isto, sons, arquejos, ais,
um só espasmo em nós atinge o clímax:
é quando o amor morre de amor, divino.

Quantas vezes morremos um no outro,
no úmido subterrâneo da vagina,
nessa morte mais suave do que o sono:
a pausa dos sentidos, satisfeita.

Então a paz se instaura. A paz dos deuses,
estendidos na cama, qual estátuas
vestidas de suor, agradecendo
o que a um deus acrescenta o amor terrestre.

ERA MANHÃ DE SETEMBRO

Era manhã de setembro
e
ela me beijava o membro

Aviões e nuvens passavam
coros negros rebramiam
ela me beijava o membro

O meu tempo de menino
o meu tempo ainda futuro
cruzados floriam junto

Ela me beijava o membro

Um passarinho cantava,
bem dentro da árvore, dentro
da terra, de mim, da morte

Morte e primavera em rama
disputavam-se a água clara
água que dobrava a sede

Ela me beijando o membro

Tudo que eu tivera sido
quanto me fora defeso
já não formava sentido

Somente a rosa crispada
o talo ardente, uma flama
aquele êxtase na grama

Ela a me beijar o membro

Dos beijos era o mais casto
na pureza despojada
que é própria das coisas dadas

Nem era preito de escrava
enrodilhada na sombra
mas presente de rainha

tornando-se coisa minha
circulando-me no sangue
e doce e lento e erradio

como beijara uma santa
no mais divino transporte
e num solene arrepio

beijava beijava o membro

Pensando nos outros homens
eu tinha pena de todos
aprisionados no mundo

Meu império se estendia
por toda a praia deserta
e a cada sentido alerta

Ela me beijava o membro

O capítulo do ser
o mistério de existir
o desencontro de amar

eram tudo ondas caladas
morrendo num cais longínquo
e uma cidade se erguia

radiante de pedrarias
e de ódios apaziguados
e o espasmo vinha na brisa

para consigo furtar-me
se antes não me desfolhava
como um cabelo se alisa

e me tornava disperso
todo em círculos concêntricos
na fumaça do universo

Beijava o membro
 beijava
e se morria beijando
a renascer em setembro

O QUE SE PASSA NA CAMA

(O que se passa na cama
é segredo de quem ama.)

É segredo de quem ama
não conhecer pela rama
gozo que seja profundo,
elaborado na terra
e tão fora deste mundo
que o corpo, encontrando o corpo
e por ele navegando,
atinge a paz de outro horto,
noutro mundo: paz de morto,
nirvana, sono do pênis.

Ai, cama, canção de cuna,
dorme, menina, nanana,
dorme a onça suçuarana,
dorme a cândida vagina,
dorme a última sirena
ou a penúltima... O pênis
dorme, puma, americana
fera exausta. Dorme, fulva
grinalda de tua vulva.
E silenciem os que amam,
entre lençol e cortina
ainda úmidos de sêmen,
estes segredos de cama.